

O perdão em minha vida

Senti meus pelos se arrepiarem e uma aflição sem limites, uma vontade de fugir, ir para algum lugar ao ver o brilho no olhar de minha mãe. Conhecia tão bem aquele olhar. Aliás, só deus sabe o quanto o conhecia. Minhas pernas, porém não conseguiam sair do lugar e ali permaneci como uma estátua, parada no mesmo lugar. Ainda consigo lembrar – me deste olhar cada vez mais próximo e do calor de suas mãos quando envolveram meu pequeno pescoço. Aos poucos não o via mais. Queria chorar, mas as lágrimas não mais existiam. Existia apenas a pressão daquelas mãos envoltas em meu pescoço. Pensei em meu pai, ele era o socorro, mas não estava perto. Aos poucos a claridade deu lugar à escuridão enquanto meu cérebro sofria uma pressão tão grande que parecia explodir. Os sons iam diminuindo e de repente tudo acabou. Nada mais via. Esta foi uma das muitas vezes e Deus sabe quantas foram. Sempre havia uma porção de gente cada vez que retornava de um destes episódios e enquanto eu ficava em algum lugar deitada me recuperando, ela, minha mãe tomava conta da cena. Caída no chão muitas vezes se debatia e dizia coisas desconexas como se tivesse possuída por uma alma penada. Logo meu pai chegava e a acalmava, levava-a para cama depois vinha em busca do que sobrou de mim. Levava-me meio que de arrasto para perto dela, não entendia que no fundo o que eu sentia era um medo terrível daquela pessoa. Achava que eu era uma pessoa má e desobediente então quase que me arrastava até a cama onde deitada estava quem mais uma vez quase me matou.

___ Ajoelhe-se. Ele dizia

___ Peça perdão a sua mãe.

A voz não saía por que meu pescoço doía. Então ele me sacudia e dizia quase aos gritos.

___ Vamos menina! Peça perdão a sua mãe.

___ Perdão. Eu falava num fio de voz, pois a voz quase não saía.

Queria entender o porquê daquele perdão.

Nunca mais perdoei nem pedi perdão a ninguém.